

Ler História é uma revista publicada com arbitragem científica. Está classificada no ERIH da European Science Foundation e no CAPES (Brasil), indexada no Latindex e EBSCO.

Directora	MAGDA PINHEIRO
Directores Adjuntos	MARIA JOÃO VAZ e JOSÉ VICENTE SERRÃO
Redacção	ÂNGELA BARRETO XAVIER (ICS/UL); FRÉDÉRIC VIDAL (CRIA/ISCTE-IUL); JORGE MANUEL FLORES (Brown University, EUA); JOSÉ VICENTE SERRÃO (CEHC/ISCTE-IUL); MAGDA PINHEIRO (CEHC/ISCTE-IUL); MARIA CARLOS RADICH (CEHC/ISCTE-IUL); MARIA DE FÁTIMA SÁ (CEHC/ISCTE-IUL); MARIA FERNANDA ROLLO (FCSH/UNL); MARIA JOÃO VAZ (CEHC/ISCTE-IUL); MIRIAM HALPERN PEREIRA (CEHC/ISCTE-IUL); RAUL ITURRA (CRIA/ISCTE-IUL).
Secretária da Redacção	MARÍLIA CONSTANTINO
Consultores	ALBERTO GIL NOVALES (Universidade Complutense de Madrid); ANTÓNIO BORGES COELHO (FL/UL); CARLOS MEDEIROS (FL/UL); ELOY FÉRNANDEZ CLEMENTE (Universidade Saragoza); H. BAQUERO MORENO (FL/UP); ISIDORO MORENO (Fac. Geografia e História/Universidade Sevilha); J. ESTEVES PEREIRA (FCSH/UNL); JOAQUIN DEL MORAL RUIZ (Universidade Autónoma de Madrid); JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA (FCSH/UNL); JOSÉ JOBSON ARRUDA (Universidade Estadual de São Paulo); JOSÉ MARIA BRANDÃO DE BRITO (ISEG/UTL); LUÍS FILIPE THOMAZ (Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa); M. BRAGA DA CRUZ (Universidade Católica Portuguesa); MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA (Universidade Estadual de São Paulo); MAURIZIO RIDOLFI (Universidade de Tuscia, Viterbo); NURIA SALES; RAMÓN VILLARES (Universidade Santiago de Compostela); ROBERT ROWLAND (ISCTE-IUL); SANJAY SUBRAHMANYAM (University of California/Los Angeles); VÍTOR MATIAS FERREIRA (ISCTE-IUL).

© Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Endereço da redacção | Revista «Ler História»  
Edifício ISCTE-IUL – Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa – Portugal  
lerhistoria@iscte.pt ; www.lerhistoria.iscte.pt

Propriedade do título | Ler História – Associação de Actividades Científicas  
Edifício ISCTE-IUL

Editor | Ler História – Associação de Actividades Científicas  
Edifício ISCTE-IUL – Av. Forças Armadas, 1649-026 Lisboa – Portugal

Capa | Marta Figueiredo

Impressão | Artipol, Artes Tipográficas, Lda. – Apartado 3051 – 3754-901 Águeda

Periodicidade | Revista Semestral

Distribuição | Sodilivros, Lda. – Rua de Campolide, 183-B – Lisboa

Tiragem | 800 exemplares

Preço da Capa | €12,47 + 5% IVA = €13,10

ISSN | 0870-6182

Deposito legal | 87039/95

**DOSSIER: GOA – 1510-2010**

Apresentação <i>Ângela Barreto Xavier</i> .....	7
Invoking the ghost of Mexia: state and community in post-colonial Goa <i>Jason Keith Fernandes</i> .....	9
Orientalismos periféricos? O historiador goês José Gerson da Cunha (Bombaim, 1878) <i>Filipa Lowndes Vicente</i> .....	27
As igrejas dos católicos de Goa <i>Paulo Varela Gomes</i> .....	47
Hospitais e sociedade colonial. Esplendor, ruína, memória e mudança em Goa <i>Cristiana Bastos</i> .....	61
Discourses of incorruptibility: of blood, smell and skin in Portuguese India <i>Pamila Gupta</i> .....	81
Preserving purity: cultural exchange and contamination in late Seventeenth century portuguese India <i>Nandini Chaturvedula</i> .....	99

**PORTUGAL E CATALUNHA NA GUERRA PENINSULAR**

A invasão de Masséna em 1810 e as Linhas de Torres Vedras: uma paradoxal confluência de objectivos? <i>Fernando Dores Costa</i> .....	115
Las fiestas en la ciudad de Barcelona durante la ocupación napoleónica <i>Antonio Moliner Prada</i> .....	137

**ESTUDOS**

As insígnias municipais e os primeiros armoriais portugueses: razões de uma ausência <i>Miguel Metelo de Seixas</i> .....	155
Um retrato do império. Abolição e propriedade na trajetória de Henrique Beuarepaire Rohan <i>Cláudia dos Santos e Márcia Motta</i> .....	181

## APRESENTAÇÃO

«Então mandou lançar pregões com trombetas pola cidade, que sob pena de morte, ninguém tomasse cousa alguma, nem fizessem mal á gente, mouros nem gentios, porque eram vassallos d'ElRey de Portugal»

(Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, II, p. 59)

Sabemos hoje que a descrição que Gaspar Correia fez, nas *Lendas da Índia*, da primeira conquista de Goa por Afonso de Albuquerque, há quinhentos anos atrás, é mais benigna do que aquela que terá sido a realidade da tomada da cidade que se constituiu, aos olhos da coroa portuguesa, como a «chave de toda a Índia». Apesar dessa benignidade ser altamente discutível (e com sérios laivos de ideologia nacionalista, quando evocada na actualidade), já o poder simbólico que, durante cinco séculos, a conquista e a história de Goa adquiriu não só na imaginação política do império português, mas também em múltiplas configurações identitárias nacionais e locais, é inquestionável. Por isso mesmo, e pese embora a bibliografia que tem Goa como objecto de estudo ser numerosa, muitas das dinâmicas imperiais e pós-coloniais que caracterizaram estes quinhentos anos de história comum, com ou sem dominação imperial, merecem ser retomadas. É esse horizonte reflexivo que preside a este *dossier* e ao seu título: *Goa 1510-2010*.

Também em Goa – como em Portugal –, os passados, sobretudo o passado imperial, continuam a alimentar o presente, anunciando-se demasiadas vezes, e tantas vezes inesperadamente, sob a forma de memórias míticas cristalizadas. Quem é que não ouviu falar do «Apóstolo das Índias», Francisco Xavier? Quem é que não ouviu falar da arte indo-portuguesa, e das igrejas de Goa? Quem é que não estudou os casamentos promovidos por Afonso de Albuquerque?

Muitas outras interrogações podiam ser elencadas enquanto parte dessa memória partilhada, mas também da historiografia sobre Goa. Algumas delas são analisadas em diferentes artigos deste *dossier*. Jason Keith Fernandes examina os usos a que o *Foral de Mexia*, um documento produzido em 1526, muitas vezes utilizado como a descrição mais fiável da organização político-administrativa das aldeias de Goa, tem sido submetido em contexto pós-colonial, democrático. Filipa Vicente mostra como um orientalista goês, Gerson da Cunha, situado nas margens do poder imperial português e britânico, conseguia produzir uma

escrita sobre a história de Goa extremamente atualizada, pertinente e sofisticada. Paulo Varela Gomes revisita as igrejas católicas de Goa para propor uma nova interpretação daquilo que vulgarmente se entende por arte «indo-portuguesa», enquanto o Hospital Real de Goa emerge, pela mão de Cristiana Bastos, como um espaço onde se repercutiram, ao longo da sua longa história, e de diferentes maneiras, as tensões e fracturas que marcaram a sociedade colonial. As atitudes médicas, em diferentes momentos, do século XVI ao século XX, perante a decomposição do corpo de São Francisco Xavier – em constante tensão com a crença na sua incorruptibilidade – são o objecto da reflexão de Pamila Gupta, e é na vizinhança desses territórios, ou seja, do problema da corrupção, mas agora a corrupção do corpo da sociedade colonial, que se situa o trabalho de Nandini Chaturvedula.

Não se trata, pois, de um *dossier* comemorativo. Comemorar um evento militar que deu origem a uma das dominações imperiais com maior longevidade na história dos impérios europeus seria, no mínimo, insólito. Trata-se, isso sim, de revisitar, não o evento, mas momentos e aspectos da história paradigmática e singular que com ele se iniciou. Paradigmática porque se constituiu como modelo arquetípico, revisitado, invocado, apropriado, por ‘colonizadores’ e por ‘colonizados’, por estrangeiros e por locais, ao longo destes quinhentos anos. Singular porque dada a sua duração, os seus protagonistas, as expressões que foi manifestando, edificadas, escritas, experienciais, Goa continua a ser um desafio aliciante, e constante, para o cientista social. Enquanto lugar micro, mas lugar com uma textura histórica muito densa, os estudos mais recentes sobre Goa não só iluminam facetas desconhecidas da história imperial e pós-colonial, como têm permitido – pela impossibilidade de os dados empíricos se submeterem completamente aos modelos de interpretação dominantes – problematizar teoricamente.

Enfim, um conjunto de boas razões para poder desejar, convictamente, boas leituras!

Ângela Barreto Xavier  
*Ler História*

## INVOKING THE GHOST OF MEXIA: STATE AND COMMUNITY IN POST-COLONIAL GOA

Jason Keith Fernandes

| *Doutorando do Departamento de Antropologia – ISCTE-IUL*

### Introduction

Subsequent to the grand polemics and protests to the proposed celebration of Christopher Columbus’ «Discovery» of America, we know that the option to celebrate moments of the inauguration of modernity through the charting of sea routes to the Americas and to the South-Asian subcontinent is closed to us. Commemorations of these moments however are not. On the contrary, these moments, such as the moment of 1510, that we commemorate in this volume, when Albuquerque through his conquest of the island of Goa, laid the foundations for the capital of the Portuguese State in India, open for us opportunities to once more re-evaluate the past, examine the trajectories these moments have opened up for us, and assess the present. In this process, these moments open up the possibilities for the institution of new areas of study, fresh perspectives on issues.

I would argue that 2010 offers us one such opportunity. It should be seen not just as the moment when we mark five hundred years of the establishment of the *Estado da Índia*, for 2010 commemorates other events in the history of the *Estado da Índia*, not least of which is the declaration of the Republic. 2010 therefore, is the moment when we can launch a renewed field of inquiry. This field of inquiry would recognize the significance of the former *Estado da Índia* as one located «between Empires»<sup>1</sup> and explore from this context the dilemmas and insights that the experience of the people within this time-space location bring to broader fields of inquiry. Toward this larger project, this paper should be considered a hesitant contribution.

This paper looks at the arguments by an activist group in Goa, the Association of the Components of Comunidades. In the course of making an argument, aimed very much at shaping contemporary state practices in Goa, they invoke the imprecision of Afonso Mexia, a figure associated with the founding of the Portuguese State in India. In doing so, they bring to bear their own experience of history; that of memory, and of Portuguese India, onto the

■ This essay is based on research that was conducted towards the realization of a Master’s Thesis at the IISJ, Oñati. My thanks to Rosa Maria Perez for her constant support, and Nandini Chaturvedula but for who this paper would not have seen the light of day.

<sup>1</sup> Rochelle Pinto, *Between Empires: Print and Politics in Goa*, New Delhi: Oxford University Press, 2007.